

# Entre poluições e memórias: as narrativas em torno do rio Ipojuca<sup>1</sup>

Yvisson Martins Gonçalves de Lima Sabino (PPGA/UFPE)

Palavras-chave: Antropologia mais-que-humanas; Socialidades; Poluição

## 1. Introdução

No decorrer dos últimos anos, a comunidade internacional científica nos alerta sobre os problemas socioambientais que estamos enfrentando, com discussões acaloradas, sem consenso, de estarmos cada vez mais próximos da irreversibilidade do que conhecemos atualmente do nosso planeta. Através dos noticiários, descobrimos cenários devastadores, nos deparando com manchetes sobre as crises relacionadas à fome e água, como também a problemática envolta dos movimentos migratórios. Tomando tal contexto enquanto plano de fundo, e compreendendo que os processos globais ocorrem em lugares, em situações de fricção (Tsing, 2005), procuro abordar, neste trabalho, o caso do rio Ipojuca, em Pernambuco, considerado o terceiro<sup>2</sup> mais poluído do Brasil, conforme os dados do IBGE de 2010.

Possui mais de 320 km de extensão, banhando as seguintes cidades: Caruaru, Pesqueira, Belo Jardim, Tacaimbó, São Caetano, Bezerros e Gravatá, cidades do Agreste pernambucano; e Chã Grande, Escada e Ipojuca na região da Zona da Mata. Deságua no mar no município de Ipojuca, em um complexo estuarino localizado entre o Complexo Portuário-industrial de Suape e a praia de Porto de Galinhas. Dentre essas cidades, as de Caruaru, Belo Jardim, Gravatá, Bezerros e Escada são as que têm representação significativa de poluição, na qual a primeira teve aumento considerável de poluição, em torno de 25 vezes, segundo o engenheiro ambiental Agenor Jácome<sup>3</sup>.

Em um breve levantamento bibliográfico, é perceptível as pesquisas em relação ao rio Ipojuca que buscam demonstrar a qualidade da água por meio da poluição das partículas químicas encontradas nas toneladas de lixos provenientes dos esgotos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

<sup>2</sup> A notícia enfatizando o dado do IBGE: <https://www.folhape.com.br/noticias/rio-ipojuca-ganha-um-diaso-para-ele/68452/>. Acessado em: 20/06/2024.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2022/03/22/professor-e-perito-ambiental-demonstra-preocupacao-em-torno-da-poluicao-do-rio-ipojuca-em-caruaru-aumentou-em-25-vezes.ghtml>

industriais e domésticos (Ver Soares, 2023; Ribeiro, 2020; Vasconcelos Júnior, 2020; Mariz Júnior, 2021); Portanto, devemos lembrar que o problema ambiental descrito não somente afeta a população humana, mas também as consideradas não humanas: água, plantas e animais constantemente atingidos pela poluição das infraestruturas que alastram a destruição por onde passa (Ver Anna Tsing, 2021).

Decidi abordar, em minha pesquisa de doutorado, o rio Ipojuca em seu percurso que atravessa o município de Caruaru. Neste trecho, o tema único da poluição, ao se falar do rio, é evidente. Meu esforço é tentar conectar esse tema, incontornável, a outros aspectos da vida ligada a esse rio.

Minha pesquisa encontra-se em estágio inicial. Estabeleço como objetivo analisar as socialidades em torno do rio Ipojuca. Como o rio é produzido nestas relações humanas e não humanas? Quais narrativas estão escondidas em contraste com a hegemônica do “rio poluído”? É possível traçar alianças e dissensos nas práticas relacionadas ao rio? Tais questionamentos, ainda de cunho inicial, são pistas que pretendo perseguir para feitura da pesquisa, em que neste ensaio, elaboro uma das primeiras reflexões sobre esses pontos. Início com um breve relato sobre o primeiro contato com o rio, onde observei os caminhos e a vida que circunda esse objeto de pesquisa. A tentativa é tornar o rio como protagonista.

## **2. A construção do campo**

Moro na cidade de Paulista, na Região Metropolitana de Recife. Quando contei para um amigo caruaruense sobre o interesse de pesquisa ser o rio Ipojuca, recebi a seguinte resposta: “ninguém fala sobre o rio”. Por mais que o material de dados nos noticiários apontasse para um problema de crise ambiental na cidade, a frase me trouxe uns toques de pânico, pois afinal, como investigar algo que não se discute? Com a mochila cheia de roupas, sandália e caderno de campo, fui para Caruaru no dia 23/09/2023. O sol estava no alto, irradiando o calor de sempre. Sentado na cadeira do ônibus, fiquei atento à paisagem desconhecida. Matos, florestas, rochedos, plantações surgiam na janela do transporte, passando rapidamente pelo meu olhar. A viagem, que dura em torno de 2 h para quem sai da capital pernambucana, foi repleta de inquietação, cuja frase do meu amigo ressoou na mente ao longo da estrada. Por volta das 16h, já perto do local de desembarque, notei um rio sujo, repleto de poluição, o qual meu pensamento instantâneo foi: só pode ser o rio Ipojuca! E parece morto?!

Adentrando na capital do forró, peço ao motorista para descer no centro. Em poucos minutos, permitindo as ruas me guiarem até o destino, localizei o local que aluguei para minha breve estadia. Deixo a mochila no apartamento, e, dessa vez, parto em direção ao encontro com o rio. Caminhando pelas ruas e vielas, percebo a imensidão da cidade de Caruaru, em que perdido por este espaço, subindo e descendo ladeiras, cortando e atravessando as ruas, é perceptível as distinções sociais. Em determinados trechos, as ruas não possuíam asfalto, com terra batida, casas com portões de madeiras, galinhas ciscando no espaço, cachorros latindo para as motos, pessoas sentadas nas calçadas e colocando a conversa em dia. Mas, era só virar uma esquina da rua, que se percebia uma drástica mudança: pista asfaltadas, casas com portões de vidro e vazios nas ruas. E ao andarmos mais um pouco, alcançamos o centro, com uma quantidade massiva de pessoas se deslocando no meio do comércio, em busca de compras de roupas, calçados, brinquedos, ou de pagar as dívidas, comer pastel com caldo de cana, tomar sorvete, e rezar na paróquia. Assim como outros denominados “centros” de cidades, é um local de grande fluxo, de caráter passageiro, destinado para resoluções ou atividades de lazer.

A perambulação pelas ruas no centro da cidade me levou a chegar na frente de uma ponte, onde é possível vislumbrar uma parte do rio Ipojuca, e alcançar a entrada da feira de Caruaru. Ao olhar para o rio Ipojuca, noto as margens com árvores, com resíduos dos mais variados tipos: plásticos, pratos descartáveis, bonecas, sacolas, embalagens, garrafas, sandálias, casca de banana, peças de roupas... a água estava fluindo, com tonalidade escura, mas para minha surpresa, havia um cisne na margem e três cágados em cima de uma pedra no rio. O que aparentava estar morto antes, ainda parece abrigar formas de vida residentes. E, aparentemente, outras pessoas tinham essa percepção, por pararem os seus afazeres para admirar a cena e tirar fotos.

Observando o trajeto do rio, tento seguir o seu percurso, o que me leva para dentro da feira. Como se formassem um paredão, impedindo o acesso à margem, as lojas de roupas e eletrônicos estavam amontoadas de pessoas, em que umas andavam calmamente para apreciar as peças que despertavam interesse, enquanto outras passavam rapidamente, como se não houvesse tempo a perder. Logo, fico assustado com as motos entrando pelos estreitos corredores, uma cena que aprendi ser considerada comum entre os comerciantes e clientes, quando o guarda responsável pela segurança não se encontra no espaço.

Passando por diversas lojas, notando os vãos entre elas com paredes feitas de papelão ou grades, consigo ver brechas do rio, até chegar ao ponto de total acesso à

margem. Neste momento, estava situado na região conhecida como a *feira da troca*. Como o nome já indica, as pessoas trocam os objetos pelos de interesse, desde relógios até peças de roupas, em que amigos de Caruaru alertaram sobre a maioria dos produtos ser de origem duvidosa.. Percebo também a existência de uma rádio local, de caráter privado, na qual não consigo compreender o que está sendo dito pelo locutor devido ao barulho das vozes das pessoas e carros, em que a mensagem é logo cessada por uma música de brega. Andando pelo espaço, desta vez chegando relativamente perto das águas, noto a quantidade de lixo espalhado no local, misturado com galhos e folhas secas.

Imagem 01 – resíduos na margem do rio, embaixo da ponte de acesso a feira de Caruaru



Fonte: Acervo pessoal

No outro lado do rio, identifico casas construídas na margem. A cena descrita anteriormente, se repete, mas com o diferencial de estarem situadas na beira da margem: quintais de chão de terra, galinhas andando livremente pelo local, burros comendo matos, roupas estendidas no varal e parede da casa com os tijolos expostos. Um claro contraste entre as diferenças da conjuntura de paisagens entre o local onde eu estava e destas casas que estavam localizadas, a poucos metros de distância, separadas por um rio. Em poucos minutos de observação, avisto um homem sendo “engolido” pela quantidade de mato que carregava, andando com dificuldade, em que ao tentar seguir os seus passos, para verificar qual era o destino daquele carregamento, o perco de vista, pois ele adentra em uma rua, no qual eu só conseguiria acesso, caso cruzasse a margem.

Imagem 02 – O outro lado da margem da Feira do Troca



Fonte: Acervo pessoal

A agitação do trânsito combinado com quantidade de transeuntes no local, com múltiplos objetivos, desde compras, lazer, passeio ou trabalho, elas buscam resolver os percalços da vida naquele instante de tempo, o mais rápido possível. Afinal, ao redor da feira de Caruaru, se não for comerciante, estão ali somente de passagem. A inquietação da frase proferida pelo meu amigo voltou a me perturbar. Como pesquisar o rio se não é falado? Não se é discutido? Algo que está ali tão presente, que se faz natural como o ar que respiramos? Ou conseguir relatos para além do “é poluído”? Se por um lado, percebi a cidade erguida “de costas” para o rio, como os muros da feira e a posição das casas me indicavam, por outro lado comecei a ver indicativos de que havia outras percepções e práticas diversas, possíveis em relação ao rio. Isto é, as imagens não só demonstram a poluição, mas algo para além disso, com o cenário composto também pela riqueza das espécies de plantas que habitam a margem do rio.

Uma das táticas durante a estadia dos 4 dias que passei no local, por meio das viagens utilizando o aplicativo Uber, quando percebia a disponibilidade do motorista para conversar e perguntavam se eu era da cidade, era comentar da pesquisa relacionada ao rio. Em uma dessas conversas, com a motorista Ana<sup>4</sup>, ela comenta sobre ter escutado na rádio que era o dia do rio<sup>5</sup>, e da sua surpresa dele ser um dos mais poluídos do Brasil,

---

<sup>4</sup> Pelo caráter informal da conversa, utilizo nomes fictícios dos motoristas de Uber.

<sup>5</sup> Foi criado no 9 de maio de 2018 a lei estadual voltada para o debate, preservação e educação ambiental dedicado ao rio Ipojuca.

como também não estipularem medidas para melhoria desse cenário. “Amansaram o rio”, é um dos comentários que a motorista afirma, quando conta sobre o crescimento e expansão da cidade que estreitava cada vez mais as margens para construção de estabelecimentos ou áreas habitacionais. Em outro momento, conversando com o motorista Eliel, relata a questão da expansão urbanística de Caruaru, que está “crescendo muito” e o “rio está esquecido”. Segundo este motorista, entre as décadas 80 a 90, o rio era considerado limpo para tomar banho e pescar, e lá as pessoas reuniam-se para confraternizar e passar o tempo de lazer. Com o tempo, devido a proliferação dos resíduos industriais, cada vez mais, o rio tornava-se poluído. Se olharmos para o mapa de Caruaru, o rio Ipojuca aparece traçado no meio, como uma serpente que se entrelaça por locais por vezes de difícil acesso pela malha urbana. Nesse caminho, vai recebendo lixo e esgoto doméstico. O rio esquecido, como afirma um dos motoristas, é rapidamente lembrado pelo mau odor que exala, e do alerta recebido ao sair do carro, “cuidado com os mosquitos”. E um dos primeiros desafios iniciais da pesquisa é a tentativa de reverter esse pensamento para questionar: por quem e por que o rio Ipojuca está esquecido?

### **3. Janela para o futuro?**

A pesquisa está ancorada no debate no debate antropológico sobre o questionamento da divisão entre natureza e cultura, notadamente sobre a produção de uma antropologia que dê conta de uma socialidade mais-que-humana (Ver Tsing, 2021; Viveiros de Castro, 2002). Saliento que a utilização do termo “não humanos”, nesse campo da antropologia, nos oferece um perigoso reducionismo, enquadrando infinidade de seres em uma categoria para condizer com nossa realidade e perspectiva (Ver Sophie Houdart, 2015). O que consideramos não humanos pode diferir radicalmente dos outros mundos, das diferentes ontologias, e que é necessário estarmos atentos a essa postura, como afirma Sophie Houdart (2015, p. 18):

Falar de não humanos, mais do que de objetos ou de dispositivos técnicos, é, portanto, considerar que objetos, animais, dispositivos técnicos tem sua própria palavra a dizer na relação e que nada é jamais predeterminado: as pesquisas simétricas, que se multiplicam, mostram que quando um humano encontra um não humano, existem tantas incertezas, dúvidas, indecisões, imprevisibilidades, negociações, margem de manobra, quanto em uma relação entre dois humanos...

Seguindo os passos de Eduardo Kohn (2015, p. 323), e buscando desviar neste ensaio dos extensos caminhos de debate sobre ontologia, compreendo esta categoria como

“realidade”, na qual a “antropologia ontológica” deverá estar atento às investigações relacionadas ao

(c) poético, sintonizado com as maneiras inesperadas pelas quais podemos ser transformados por realidades não necessariamente humanas; (...), e (e) política, preocupada em saber como este tipo de investigação pode contribuir para uma prática ética que pode incluir e ser transformada por outros tipos de seres com quem partilhamos as nossas vidas e futuros.

É uma ruptura epistemológica que deixa de lado as expressões como “representação” ou “simbólico” como guia para compreensão dos fenômenos. Colocando a ontologia como central para as discussões, evidenciando as coerências internas dos grupos (Ver Descola e Scarso, 2016), o papel do antropólogo é “a reconstrução das ontologias locais que dão conta dos fenômenos” (Mauro Almeida, 2014, p. 25). Assim sendo, fica claro que a metafísica ocidental, vigente e inquestionável, torna-se frágil quando colocada nos outros olhares e perspectivas (Ver Viveiros de Castro, 1996, 2002). A virada ontológica não está livre das críticas, com autores afirmando dos seus estudos serem demasiadamente estruturalistas e pouco políticos ou de ser uma outra palavra para cultura (Ver Kohn 2015, Michael Carrithers, 2010).

Voltamos então ao rio Ipojuca. Em maio de 2019, o Jornal do Comércio, de Recife, publicou a matéria “Ipojuca, um gigante pernambucano”<sup>6</sup>. A reportagem traz alguns depoimentos de moradores ribeirinhos comentando a importância do rio. “Nós comíamos peixe daqui sem problema nenhum e para tomar banho não tinha mau cheiro. Não tinha lugar que a gente não tomasse banho. Era só chegar suado da roça e mergulhar dentro”, é uma fala do agricultor Elpídio Magalhães, em 2019. Aqui, estamos diante das lembranças de um tempo que ecoa nas memórias do agricultor, de um período revestido pelo irreversível. Ainda é possível, entretanto, verificar trechos do rio onde as pessoas ainda pescam, não se importando com a fama das águas poluídas.

Na mesma matéria, Gildo Xukuru, liderança do povo Xukuru, localizado na Serra do Ororubá, acima de Caruaru, diz: “O rio para a gente é muito forte. Dá sustentação ao nosso povo e as cidades vizinhas. Então, ele tem uma importância muito grande para a gente e é algo muito sagrado, tem que preservar, tem que ter muito cuidado”. Assim sendo, as realidades se contrastam, diferem entre si. Por um lado, o trecho do rio que banha a aldeia dos Xukuru é considerado sagrado, o que parece significar a necessidade

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://interior.ne10.uol.com.br/noticias/2019/05/27/rio-ipojuca-um-gigante-pernambucano-170250/index.html>. Acessado em: 20/06/2024.

de práticas de cuidado e relações não objetificadas (que não serão tema de minha pesquisa). Por outro lado, meus primeiros passos na pesquisa de campo indicam que, em Caruaru, existem formas antigas de relação com o rio, que invocam práticas de memória por meio de narrativas, e de outras práticas como a pescaria, ao mesmo tempo em que a maneira como se dá a urbanização da cidade, em que a malha urbana dá as costas para o rio e o trata como depósito de rejeitos, vem acompanhada da percepção do arruinamento do rio, atestado pelo saber técnico que assim o classifica por parâmetros físico-químicos. É dessa forma que, tenho por hipótese inicial, se produz em Caruaru o “rio poluído”, alvo de invisibilização e nostalgia.

Tenho também, por hipótese e a partir de minhas incursões preliminares em campo, que há mais a ser dito sobre as relações que produzem o rio Ipojuca em Caruaru do que a retórica do rio poluído. E aposto que contar tais histórias podem ser importante para imaginar outros movimentos nas relações com esse rio que não “dar as costas” ou “dar de ombros”.

Como escaparmos dessa retórica do fim de mundo? Ailton Krenak nos dá uma pista significativa: "(...) é exatamente sempre poder contar mais uma história". Sendo assim, não podemos impor a nossa lógica, processo de alteridade, percepção de mundos e diferentes ontologias para as futuras pesquisas (ver Viveiros de Castro, 2002). O bem estar e progresso é pregado através das construções de shopping, de cidades repletas de prédios e torres gigantescas, em nome de uma razão que beira a loucura, como alerta Ailton Krenak (2019). Os humanos são sempre lembrados, colocados em primeiro lugar, ao passo que plantas, animais e outros não humanos estão em segundo plano, na escala menor, o que reflete pouca importância (Cassandra Moura, 2020).

A cidade de Caruaru, ao longo da sua história, passou de um local que recebia a boiada como destino para matar a sede e tornou-se a 6ª cidade mais “competitiva” do Nordeste em 2023, em relação educação, segurança, qualidade de vida e dentre outros fatores, segundo a Folha de Pernambuco<sup>7</sup>. O rio, considerado limpo em tempos distantes, entrelaçado com os resíduos industriais e farmoquímicos, com a composição das águas

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/caruaru-e-a-6a-cidade-mais-competitiva-do-nordeste-de-acordo-com-o-centro-de-lideranca-publica/39424/>. Acessado em: 20/06/2024.



em 90% de esgoto<sup>8</sup>. Segundo a antropóloga Anna Tsing (2020, p. 189): “nós os chamamos ‘ferais’ para indicar que são suas relações com as infra estruturas imperiais e industriais, e não sua natureza intrínseca, que provocam tantos problemas”. Em outras palavras, o rio tornou-se um feral que denuncia a modernidade revestida de progresso, de comunidades ribeirinhas severamente afetadas, em que simples atividades como banho e práticas de esporte não são realizadas devido ao estado alarmante das águas turvas e repletas de lixo industrial.

O antropoceno é uma categoria discutida intensamente nos círculos acadêmicos, como a validade do conceito ou das vastas compreensões que os pensadores articulam e advogam para si. Nesse ponto, ainda persigo a elaboração de Tsing (2022, p. 63) sobre a temática, nos lembrando que ao falar do antropoceno, estamos situando a “prepotência do homem moderno”, considerado como a máxima referência de caráter homogêneo (Ver Tsing, 2022). A narrativa do progresso é hegemônica, se alastra pelo globo, nos colocando debaixo desse grande guarda-chuva, não deixando vislumbres de outras possibilidades, com uma flecha atirada para uma reta em direção à modernidade. Como afirma Tsing (2022, p. 65):

O progresso é uma marcha para a frente, que arrasta outras modalidades de tempo para o interior de seus ritmos. Se não fôssemos conduzidos por sua pulsação, poderíamos notar outros padrões de temporalidade. (...). Também no interior de uma determinada espécie, encontramos múltiplos projetos de criação de temporalidades na medida em que organismos se recrutam uns aos outros e se coordenam na construção das paisagens.

Como exposto anteriormente pelos motoristas do aplicativo, ao comentarem sobre o crescimento da cidade, em um dos trechos da margem do rio deparei-me com a construção do projeto Janelas para o Rio, criado pelo Governo de Pernambuco em 2011, integrado ao Programa de Saneamento Ambiental da Bacia Hidrográfica do Ipojuca. A matéria do G1<sup>9</sup>, publicada em 2020, informa que o objetivo do projeto é a criação de parque ambiental com intuito de promover o lazer, áreas destinadas para reflorestamento, pistas de *cooper*, vegetação, e pontos voltados para educação ambiental, com intuito de estabelecer a conexão entre os moradores e o rio em relação a preservação e vivências no

---

<sup>8</sup> Além desse importante dado, a matéria também traz relatos dos moradores sobre a poluição. Disponível em: <https://interior.ne10.uol.com.br/noticias/2020/01/09/toneladas-de-lixo-sao-tiradas-diariamente-do-rio-ipojuca-em-caruaru-182263/index.html>. Acesso em: 20/06/2024.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2020/09/24/obras-do-parque-ambiental-janelas-para-o-rio-sao-retomadas-em-caruaru.ghtml>. Acesso em: 20/06/2024.

meio ambiente. No mês passado, o G1<sup>10</sup> novamente fez uma matéria jornalística sobre o atraso da obra em Caruaru, localizada no bairro de Indianópolis, a única ainda não entregue, dos 5 prometidos pelo projeto.

Vemos, em algumas cidades, propostas de ocupação urbana das margens dos rios com “parque lineares” e equipamentos de lazer como formas de aplicação de políticas de higienismo e gentrificação (Coelho Pereira, 2021). Além de não ter informações adequadas sobre essa política pública nessa fase da pesquisa, não é aqui meu objetivo avaliá-la. Fico, porém, com a imagem sugerida por esse nome, “Janela para o rio”, como a possibilidade de voltar a atenção para antigas, novas e múltiplas relações estabelecidas, e Caruaru, em torno do rio Ipojuca.

Imagem 03 – Janela para o Rio



Fonte: acervo pessoal

#### 4. Outras possibilidades de práticas de mundos

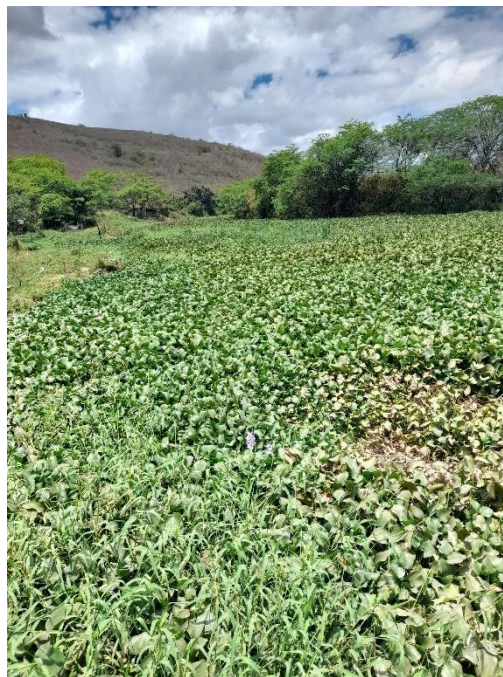
Uma das minhas inquietações, ao avistar pela primeira vez o rio Ipojuca, foi com a sensação de estar diante de algo morto. Por mais que a associação entre poluição e devastação beira ao natural, retorno neste ponto, pois a vida ainda pulsa nas margens e

---

<sup>10</sup> A matéria em vídeo foi publicada em maio de 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12600385/>. Acesso em: 20/06/2024.

águas, com a presença de animais e outras espécies como: cágados, cavalos, cisnes, caramujos e plantas diversas. Com diversos nomes - baronesa”, “aguapé” ou “jacinto d'água, a espécie *Eichhornia crassipes* aparece em locais de alta presença de matéria orgânica na água, funcionando como se fosse um filtro. Contudo, quando morrem, ocasiona uma segunda poluição, pois além do “corpo podre” pairado no fundo das águas, ela devolve a poluição que filtrara anteriormente.

Imagem 04 – Baronezas no trecho do Alto do Moura



Fonte: Acervo pessoal

Uma das reclamações dos moradores, como vimos anteriormente, para além do mau cheiro, é da presença dos mosquitos na época do verão, cuja a proliferação também se associa com as baronezas. Na matéria do G1, o biólogo Alexandre Henrique <sup>11</sup>explica a relação da baronesa com o mosquito (*Culex quinquefasciatus*), e dos nutrientes encontrados no esgoto, diz: “(...) a baronesa cria uma espécie de tapete, não deixa a luz

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2021/04/21/biologo-explica-relacao-entre-a-grande-proliferao-de-muricocas-e-as-baronezas-no-rio-ipojuca-em-caruaru-ambiente-favoravel.ghtml>. Acesso em: 20/06/2024.

atingir a água. Ou seja, a água não oxigena. Então, não aparece um peixe ou um sapo, que são predadores naturais da larva da muriçoca.”

Com Donna Haraway (2023), aprendemos a importância de ficar com o problema, não como a exaustiva tentativa de findar, solucionar, buscar a resposta definitiva que salvará a todos, mas embarcar na complexidade das relações, de admitir a resolução do problema, abrirá margem para outros múltiplos que se conectam. Alinhando-se com Lynn Margulis, refletindo para além da competitividade estabelecida pela biologia evolucionista darwiniana, a filósofa nos provoca a refletir sobre a *simpoiese*, das relações que constroem mundos, com os indesejados e esquisitos, com bactérias e micróbios, para além dos conhecidos e benquistos, dissipando qualquer olhar das conexões do cerne hierárquico e disputa. Contribuindo nesse aspecto, Anna Tsing (2022, p. 66) afirma: “Projetos de fazer-mundo, assim como ontologias alternativas, nos mostram que outros mundos são possíveis. Fazer mundos, no entanto, enfatiza mais as atividades práticas do que as cosmologias”. Em uma das recentes palestras que presenciei, no Circuito Literário de Pernambuco que ocorreu em maio de 2024, Ailton Krenak refletia sobre o problema do desenvolvimento e trazia como alternativa, a separação provocada por este prefixo “des”, e buscarmos nos envolver. Um dos questionamentos proferidos por ele, é do por que a humanidade ainda socava a Mãe Terra para criar grandes cidades ou caixões de metal (os prédios). Como as universidades ensinariam aos estudantes a construir outros tipos de cidades? Como nos envolvermos mais com a terra e criarmos relações com ela? Estes questionamentos demonstram a possibilidade de alternativas de mundos.

Voltando para a baronesa, a pesquisa elaborada pelas biólogas Gilvanize Cavalcante e Laise Andrade (2022) sobre a percepção delas entre os moradores da Área de Proteção Ambiental Açude de Apipucos, em Recife, por meio de entrevistas semi-estruturadas, demonstra que a planta não é compreendida somente no aspecto negativo, mas de alimentação para os animais ou adubo, bem como de estética. Um dos aspectos interessantes notados pelas biólogas, que elas afirmam não encontrar na literatura acadêmica, é a utilização da planta como aterro para as casas de alguns moradores, como expressada por um deles: “serviu como aterro pra muita gente construir suas casas em cima” (Cavalcante, G.; Andrade, Laise, 2022, p. 190). É preciso salientar que a pesquisa das autoras, pelo objetivo e caráter breve, não detalha sobre os processos que levam os moradores a compreenderem as baronesas e das suas possíveis finalidades, e sobre a precarização do local. Assim sendo, retornando para o rio Ipojuca, quais “fazer-mundos”

estão escondidos nas narrativas e práticas dos moradores? Quais colaborações desafiam a hegemonia estabelecida pela ontologia científica (Ver Despret, 2016)?

## 5. Considerações finais

A pesquisa ainda está no processo de construção do campo, cujas inquietações apresentadas aqui, representam questionamentos iniciais, um ponto de partida, que somente através da vivência dará ou não as respostas e, conseqüentemente, produzirá outros problemas. Afinal, como nos lembra Marilyn Strathern, quando estamos no campo, o processo da escrita não é esquecido, constantemente refletimos sobre como contar as histórias, sem perdermos de vista o que as tornam interessantes, enquanto debruçados na escrivadinha diante da tela do computador, refletimos sobre o campo que deixamos temporariamente. É neste exercício que construímos os mundos, que narramos aquilo que presenciamos e ouvimos, mas ciente de não alcançarmos a totalidade. Como o rio é produzido nessas relações, é um ponto que prosseguirei durante a pesquisa.

Dessa forma, encarcerar o rio Ipojuca na narrativa da poluição, ignora a memória e práticas dos moradores, que tanto denunciam a desenfreada modernidade, “caruaru está crescendo”, quanto lembram dos tempos de banhos e pescarias quando as águas eram limpas. A antropologia neste processo de tradução de mundos, no esforço de conectar diálogos de diferentes ontologias, por meio das categorias como “fazer-mundos”, “contaminações” ou “envolvimento”, elucida como as relações produzidas entre os moradores e o rio Ipojuca, desvia do Homem como protagonista, em que as plantas, os humanos, os animais e insetos se entrelaçam com o rio. Portanto, um dos desafios da antropologia é a tentativa de traçar essas outras possibilidades que confrontam as narrativas e práticas estabelecidas como única, na debaixo do manto da verdade moderna, que separa a natureza da cultura, e o progresso civilizatório como final almejado para as sociedades.

## Referências

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Caipora e Outros Conflitos Ontológicos. **R@u : revista de antropologia social dos alunos do ppgas-ufscar**, v. 5, p. 7-28, 2014.

BLOG DA FOLHA. Caruaru é a 6ª cidade mais competitiva do Nordeste, de acordo com o Centro de Liderança Pública. **Folha de PE**, Recife. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/caruaru-e-a-6a-cidade-mais-competitiva-do-nordeste-de-acordo-com-o-centro-de-lideranca-publica/39424/>. Acesso em: 20/06/2024.

CARRITHERS, M., et al. Ontology Is Just Another Word for Culture: Motion Tabled at the 2008 Meeting of the Group for Debates in Anthropological Theory, University of Manchester. **Critique of Anthropology**, **30(2)**, 152–200, 2010

CAVALCANTE, G. L. V. ; ANDRADE, Laise De Holanda Cavalcanti. *Eichornia crassipes* (baronesa): percepção dos moradores do entorno da área de proteção ambiental açude de Apipucos (Recife, Pernambuco, Brasil). In: Auristela Correa Castro; André Cutrim Carvalho; Abner Vilhena de Carvalho. (Org.). **Meio ambiente e a outra economia dos povos e comunidades tradicionais**. 1ed.Guarujá: Editora Científica Digital Ltda, 2022, v. 1, p. 185-201.

COSTA, Priscilla. Rio Ipojuca ganha um dia só para ele. **Folha de PE**, Notícias. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/rio-ipojuca-ganha-um-dia-so-para-ele/68452/>. Acesso em: 20/06/2024

DESCOLA, Philippe & SCARSO, Davide (2016). A ontologia dos outros. Entrevista com Philippe Descola. **Revista de Filosofia Aurora** **28** (43):251.

DESPRET, Vinciane. 2016. O que diriam os animais se... Caderno 45. Chão de Feira

GILIARD. Rio Ipojuca: um gigante pernambucano. **NE10, Especial**. Disponível em: <https://interior.ne10.uol.com.br/noticias/2019/05/27/rio-ipojuca-um-gigante-pernambucano-170250/index.html>.

G1 CARUARU. Obras do parque ambiental 'Janelas para o Rio' são retomadas em Caruaru. **G1 Caruaru e região, PE**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2020/09/24/obras-do-parque-ambiental-janelas-para-o-rio-sao-retomadas-em-caruaru.ghtml>. Acesso em: 20/06/2024.

G1 CARUARU. Professor e perito ambiental demonstra preocupação em torno da poluição do rio Ipojuca, em Caruaru: 'aumentou em 25 vezes'. **G1, Caruaru e Região, PE**: Pernambuco. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2022/03/22/professor-e-perito-ambiental-demonstra-preocupacao-em-torno-da-poluicao-do-rio-ipojuca-em-caruaru-aumentou-em-25-vezes.ghtml>. Acesso em: 05/07/2024.

GLOBOPLAY. Obras do Janelas Para o Rio foram retomadas. **TV Asa Branca, Caruaru**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12600385/>. Acesso em: 20/06/2024.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: N-1 edições, 2023.

HOUDART, Sophie. 2015. “Humanos e não humanos na antropologia”. In: **Ilha**, v. 17, nº 2, p. 13 a 29

LUCIANO, Fernando Firmo. Antropologia em tempos incertos: viver no antropoceno. *Revista Cadernos de Ciências Sociais*, v. 1, p. 61, 2020.

KOHN, Eduardo. Anthropology of Ontologies. **Annual Review of Anthropology**, Vol. 44, p. 311-327, 2015

KRENAK, Ailton Alves Lacerda. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

- MARIZ JR, Célio Freire. **Diagnóstico ecotoxicológico do Rio Ipojuca utilizando estágios iniciais de desenvolvimento do peixe Danio rerio (Hamilton, 1822)**. 2021. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.
- MIRANDA, Ana. Toneladas de lixo são tiradas diariamente do Rio Ipojuca, em Caruaru. **NE10, Notícias**. Disponível em: <https://interior.ne10.uol.com.br/noticias/2020/01/09/toneladas-de-lixo-sao-tiradas-diariamente-do-rio-ipojuca-em-caruaru-182263/index.html>.
- MOURA, C. M. C. . O rio Doce e o rompimento da barragem de Fundão: ontologias, águas e mundos postos em cheque.. In: **Reunião Brasileira de Antropologia - Saberes Insubmissos: Diferenças e Direitos**, 2020, Rio de Janeiro. 32ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA, 2020. p. 01-22.
- PEREIRA, Lucas Coelho. **Maré de lua: capitalismo, práticas e ecologias na lida com o caranguejo-uçá no Delta do Parnaíba (PI/MA)**. 2021. 299 f., ill. Tese (Doutorado em Antropologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- PORTUGAL, F; NASCIMENTO, J. Biólogo explica relação entre a grande proliferação de muriçocas e as baronesas no Rio Ipojuca, em Caruaru: 'Ambiente favorável'. **G1 Caruaru e TV Asa Branca**, PE. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2021/04/21/biologo-explica-relacao-entre-a-grande-proliferacao-de-muricocas-e-as-baronesas-no-rio-ipojuca-em-caruaru-ambiente-favoravel.ghtml>. Acesso em: 20/06/2024.
- RIBEIRO, Rafaela Vieira. **Evolução espaço-temporal na qualidade da água na bacia hidrográfica do Rio Ipojuca – Pernambuco, Brasil**. 2020. Dissertação (Mestrado em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- SOARES, Anna Elis Paz. **Potencial de reúso de efluentes sanitários e sua interface com a gestão de recursos hídricos na bacia hidrográfica do Rio Ipojuca - Pernambuco**. 2023. Tese (Doutorado em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.
- TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo**. São Paulo : N-1 edições, 2022.
- \_\_\_\_\_. O Antropoceno mais que humano. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021.
- \_\_\_\_\_. **Friction**, Princeton, Princeton University Press, 2005
- VASCONCELOS JÚNIOR, Edmilson Martins de. **Sustentabilidade hidroambiental de bacias hidrográficas: avaliação da implementação do programa de saneamento ambiental na Bacia do Rio Ipojuca, Pernambuco, Brasil**. 2020. Dissertação (Mestrado em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- VIVEIROS DE CASTRO, E.. Os Pronomes Cosmológicos e O Perspectivismo Ameríndio. **Mana (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, v. 2, n.2, p. 115-144, 1996.

\_\_\_\_\_. O nativo relativo. **Mana (UFRJ. Impresso)**, v. 8, n.1, p. 113-148, 2002

\_\_\_\_\_. **A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 551p .